

“Um outro mundo é possível?” Neste, ou no “outro”? Algumas reflexões “coronárias”

René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Com tantas notícias ruins em clima de pandemia, confesso que estava preocupado se eu ainda estaria vivo para poder escrever minha contribuição *in vivo* – ou se o novo coronavírus, de repente, me alcançaria com gravidade fatal, sem poder ter escrito este texto... *As Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), obra prima de Machado de Assis (1839-1908), me vieram à cabeça. Mas tive que me apressar, também, para que os meus leitores e minhas leitoras pudessem ler, antes de algum deles ou delas eventualmente partir, pois tudo acontece tão rápido, que o autor nem consegue escrever, e o leitor nem consegue ler... De fato, estava e estou preocupado e triste, pois, como dizia um amigo meu: “ultimamente tem morrido tanta gente que nunca havia morrido antes”. (Ele também já morreu...) Por isso, talvez, me lembrei do Millôr Fernandes (1923-2012) que, muito antes de mim, escreveu: “às vezes acordo tão triste e melancólico, que corro para o jornal, para ver se o meu necrológico já foi publicado...” Mas, como tudo na vida (e na morte), existe o lado bom! Estou procurando-o... O mesmo Millôr, em outra reflexão irreverente, confessou: “gosto muito de ler os necrológicos no jornal, pois, às vezes, temos surpresas tão agradáveis!” Não chego a tanto, mas esta tentação também me tenta, sobretudo pensando nos atuais ‘cavaleiros do Apocalipse’, em Brasília e em outras plagas (eu não disse pragas...). Corrigindo: *A Peste* (1947), obra de Albert Camus (1913-1960), na qual ele tipificava quem eram e como agiam os verdadeiros patógenos da sociedade. No entanto, uma epidemia que até o dia de hoje matou 65 mil pessoas no mundo, decerto, sempre é muito triste, sobretudo ante o espectro de que muitas centenas de milhares ainda hão de perecer. Há quem estime na casa dos milhões, sobretudo quando a pandemia alcançar os países mais pobres e desiguais, como, por exemplo, a Índia, Paquistão e Bangladesh; a América Latina e os países africanos, entre outros. Mas *O Amor nos Tempos do Cólera* (1985), de Gabriel García Márquez (1927-2014), também pode florescer nos tempos de COVID-19. Com efeito, apesar de todas as ordens de ‘distanciamento social’, ‘isolamento horizontal’, ‘isolamento vertical’, ‘quarentena’, ‘lockdown’, ‘shutdown’ e ‘toque de recolher’ - entre outras ameaças - há registros muito emocionantes de lindos gestos de solidariedade; de iniciativas de quem se coloca no lugar do ‘outro’ (*alter*); de espontâneos gestos de espalhar alegria na forma de música, de arte e de outras expressões criativas. Alguns transformaram o ‘solitário’ em ‘solidário’, uma letra que faz muita diferença. ‘Solitária’ lembra a cela individual do castigo penoso e da tortura, mas lembra, também, os vermes platelmintos da classe dos cestóides, tipificados pela famosa *Taenia solium*.

Mas ‘solidária’ é a atitude que se espera de cada um de nós. E que algum dia a *pandemia* se transforme em ‘*panisdemia*’: literalmente, pão para o povo!

O *pão nosso* de cada dia... Muito se tem refletido sobre o mundo pós-coronavírus, e, de um modo geral, predomina a expectativa - o desejo, talvez - de que os sobreviventes da epidemia tenham aprendido que “um outro mundo é possível” (Fórum Mundial Social), aqui neste mundo, e não propriamente no “outro”. Nem o “Velho Mundo”, nem o “Novo Mundo” terão sobrevivido como eram antes, e nem servirão mais para ser referência para um “Outro Mundo”, a ser edificado sobre as ruínas deste que está a ruir... A caminho - tendo a crer - daquilo que as *Escrituras Sagradas* anteveem: “nós, porém, segundo a sua promessa esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça.” (II Pd 3:13). E aqui não estou sozinho, pois é exatamente a tese que defende o teólogo alemão contemporâneo, Jürgen Moltman, tanto em sua obra *Teologia da Esperança* (1968), quanto em *Ética da Esperança* (2010), em diálogo com o filósofo enterrâneo Ernst Bloch (1885-1977), em seu *Princípio Esperança* (1954). Quando as espadas tiverem sido transformadas em arados, e as lanças em foices, na linguagem simbólica utilizada pelo profeta Isaías (2:4), *circa* 680 a.C.

Para Moltman, *antecipar e promover* este “outro mundo” seria a principal tarefa de todos nós... Os possíveis sobreviventes. Para terminar minha reflexão “coronária” (das artérias que irrigam meu coração e o mantêm vivo), trago um poema que recebi de um colega e amigo, recém escrito pelo argentino Luís Landriscina, intitulado

CUANDO LA TORMENTA PASE

“Cuando la tormenta pase
Y se amansen los caminos
Y seamos sobrevivientes
De un naufragio colectivo.

Con el corazón lloroso
Y el destino bendecido
Nos sentiremos dichosos
Tan sólo por estar vivos.

Y le daremos un abrazo
Al primer desconocido
Y alabaremos la suerte
De conservar un amigo.

Y entonces recordaremos
Todo aquello que perdimos
Y de una vez aprenderemos
Todo lo que no aprendimos.

Ya no tendremos envidia
Pues todos habrán sufrido
Ya no tendremos desidia
Seremos más compasivos

Valdrá más lo que es de todos
Que lo jamás conseguido
Seremos más generosos
Y mucho más comprometidos.

Entenderemos lo frágil
Que significa estar vivos;
Sudaremos empatía
Por quién está y quién se ha ido.

Extrañaremos al viejo
Que pedía un peso en el mercado,
Que no supimos su nombre
Y siempre estuvo a tu lado.

Y quizás el viejo pobre
Era tu Dios disfrazado.
Nunca preguntaste el nombre
Porque estabas apurado.

Y todo será un milagro...
Y todo será un legado.
Y se respetará la vida,
La vida que hemos ganado.

Quando la tormenta pase
Te pido Dios, apenado,
Que nos devuelvas mejores,
Como nos habías soñado.”
